

*Se o papel fosse  
maior: Escritoras dos  
Séculos XVIII e XIX*

Orgs. Maria Luísa Malato e Marinela Freitas

CASSIOPEIA

## Título

*Se o papel fosse maior: Escritoras dos Séculos XVIII e XIX*  
dezembro de 2024

## Propriedade e edição

Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa

[www.ilcml.com](http://www.ilcml.com)

Via Panorâmica, S/N 4150-564 | Porto | Portugal

[Ilc@Letras.up.pt](mailto:Ilc@Letras.up.pt)

T. +351 226 077 100

## Conselho de redacção

Directores

Fátima Outeirinho, José Domingues de Almeida, Marinela Freitas, Pedro Eiras

## Autores

Adriana Mello Guimarães, Ana Luísa Vilela, Elisa Nunes Esteves, Fábio Mario Silva, Fátima Outeirinho, Francisco Topa, Isabel Pires de Lima, Margarida Simões, Maria Cristina Pais Simon, Maria Luísa Malato, Maria Luísa Taborda Santiago, Mónica Ganhão, Regina Ziberman, Vanda Anastácio

## Assistente editorial

Lurdes Gonçalves

## Capa

© Fuselog

ISBN: 978-989-9193-46-8 | DOI: <https://doi.org/10.21747/978-989-9193-46-8/cass15>

OBS: Os textos seguem as normas ortográficas escolhidas pelos autores. O conteúdo dos ensaios é da responsabilidade exclusiva dos seus autores.

© INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA MARGARIDA LOSA, 2024

Esta publicação foi realizada no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, Unidade I&D financiada por fundos nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDB/00500/2020> | UIDP/00500/2020 – <https://doi.org/10.54499/UIDP/00500/2020>).



ILCML

INSTITUTO DE LITERATURA COMPARADA  
MARGARIDA LOSA



*Se o papel fosse  
maior: Escritoras dos  
Séculos XVIII e XIX*

Orgs. Maria Luísa Malato e Marinela Freitas

CASSIOPEIA



## Índice

- 9 >> Introdução
- 13 >> Francisca Possolo da Costa e a Marquesa de Alorna: poesia e sociedade na primeira metade de oitocentos  
*Vanda Anastácio*
- 49 >> O teatro de Maria Angélica Ribeiro e “o tema da escravidão”  
*Regina Zilberman*
- 70 >> Francisca Wood e Júlio Dinis: romance e emancipação (feminina)  
*Isabel Pires de Lima*
- 81 >> Sentimentalidade, humor e feminismo: *Maria Severn*, um romance de Francisca Wood  
*Ana Luísa Vilela*
- 91 >> Mulheres na imprensa periódica portuguesa oitocentista  
*Fátima Outeirinho*
- 101 >> Outras folhas, a mesma margem: Antónia Pusich e *A Assembléa Litteraria*  
*Francisco Topa*
- 111 >> A representação da masculinidade na obra de Ana Plácido  
*Fabio Mario da Silva*
- 125 >> Apontamentos sobre Ana Plácido: intelectual, inspiradora e marginalizada  
*Adriana Mello Guimarães*
- 139 >> Ser ou não ser: a questão de Plácido  
*Margarida Simões*
- 147 >> Ana Plácido e a memória construída por duas biografias de Camilo Castelo Branco (de José Vieira de Castro e Alexandre Cabral)  
*Maria Luísa Taborda Santiago*
- 163 >> Infâmia ou martírio: o adultério feminino em Ana Plácido e Camilo Castelo Branco  
*Mónica Ganhão*
- 185 >> Juliette Adam e a “Pátria portuguesa”  
*Maria Cristina Pais Simon*
- 201 >> Representações da paisagem na poesia de Maria Rita Chiappe Cadet  
*Elisa Nunes Esteves*

# Outras folhas, a mesma margem: Antónia Pusich e *A Assembléa Litteraria*

**Francisco Topa\***

Universidade do Porto, CITCEM

Lançado a 4 de agosto de 1849, *A Assembléa Litteraria* foi o primeiro jornal português fundado e dirigido por uma mulher, Antónia Gertrudes Pusich. Proprietária e redatora de um periódico que só abandonaria ao fim de 41 números – pouco antes, aliás, da extinção do título –, Antónia Gertrudes não é propriamente uma figura desconhecida da cultura e da literatura portuguesas, embora seja mais lembrada ou aludida do que efetivamente estudada ou valorizada pelo seu (imenso) trabalho.

Beneficiando de uma vida e de uma carreira longas (nasceu em 1804 ou 1805 [cf. Caldas 2022: 37] em São Nicolau, Cabo Verde, e faleceu em 1883, em Lisboa), a nossa autora ocupou desde cedo um lugar na vida pública como colaboradora de jornais, poetisa e dramaturga, e ainda como pianista e compositora. Apesar disso e do pioneirismo e combatividade da sua luta em favor dos direitos da mulher, Antónia Pusich é hoje uma figura reduzida a nome de rua, o que, sendo um reconhecimento importante, não valoriza suficientemente o seu papel na sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX. O esquecimento a que está hoje mais ou menos votada em Portugal é, porém, contrabalançado por alguma atenção que lhe tem sido dispensada noutros países, designadamente a Croácia (de onde era originário o seu pai) e Cabo Verde (em cuja ilha de S. Nicolau nasceu e onde viveu por dois períodos, correspondentes aos primeiros anos da infância e a uma parte da adolescência, devido às funções militares e políticas do progenitor).

O jornal que motiva este breve estudo tem suscitado nos últimos anos algum interesse junto dos especialistas: em 2021, Sónia Coelho e Susana Fontes abordaram-no num artigo sobre os primeiros periódicos femininos e, no ano seguinte, também Maria de Lurdes Caldas lhe dedicou algum espaço na biografia que preparou da autora da *Galeria das Senhoras na Câmara dos Senhores Deputados*. O título está, aliás, disponível, com algumas falhas, na Biblioteca Nacional Digital.<sup>1</sup> Tentarei agora ir um pouco mais longe, salientando alguns aspetos importantes tanto do pensamento como do trabalho jornalístico-literário de Antónia Pusich.

Um dos pontos essenciais do seu ideário é a importância da educação, com natural destaque para a educação da mulher. Veja-se o que escreve no n.º 4, de 25 de agosto de 1849:

Mas as meninas!... As meninas imploram a atenção do governo, e de todas as pessoas que nutrem sentimentos de humanidade, e desejos de ver prosperar a sua patria!

Quando trato da educação das meninas, entenda-se que é relativamente ás de uma classe media, ou inferior, que são as que mais avultam na sociedade; porque as meninas que nascem de paes nobres, ou ricos, essas tem por certo uma excellente educação. (*A Assembléa*: I, 25)

Meses mais tarde, no editorial do n.º 22, de 12 de janeiro de 1850, a propósito da entrada de D. Fernando, príncipe consorte, como protetor da *Assembleia*, recorda os objetivos do jornal e as dificuldades que teve de enfrentar:

Quando erguemos a voz a favor da educação feminil, sustentando as columnas deste jornal a liberdade intelectual de que por tantos seculos temos sido barbaramente privadas, e a que temos tão sagrados direitos como os homens; affrontando as mais arduas difficuldades preparámos neste mesmo jornal um campo onde os talentos se podessem livremente exercitar; e tentando derribar as barreiras de antigos errados preconceitos, para a justa e gloriosa empreza de illusrar, e moralisar o sexo educador do genero humano; aquellas que formando o coração do homem firmam nelle o seu dominio; tem na sociedade a maior influencia (...). (*A Assembléa*: I, 169)

A defesa da educação não se limita a uma atitude mais ou menos teórica; pelo contrário, é acompanhada, por exemplo, de frequentes notícias sobre as atividades do

Conservatório ou da chamada de atenção para a falta de um mestre régio em Vendas Novas. A este propósito, sustenta que o atraso na educação compromete a riqueza e a independência do país, antecipando assim uma conclusão hoje amplamente comprovada:

É inegável que o nosso Portugal tem em seu favor a sua posição Geographica, a riqueza do solo, a amenidade do clima, e a excelente indole de seus habitantes; mas tantos dons com que a poderosa mão do Altissimo o distinguio, sam contrastados pela falta de cuidado dos homens na instrução do povo, cortando-lhe por tal modo a sua prosperidade; dificultando-lhe o brilhante progresso da illustração que constitue a verdadeira independencia das nações!... (*A Assembléa*, n.º 26, 23/02/1850: I, 201)

A seriedade do compromisso da redatora vai ao ponto de se dispor a enviar um dos seus filhos para ocupar a vaga de professor, atitude que justifica do seguinte modo:

Não nos desdouramos em ver nosso filho, e neto de um General, de um nobre por nascimento, e ações, assentado na cadeira de Professor Regio ensinando meninos – não! Envergonhar-nos-hiamos sim, amaldiçoal-o-hiamos se o vissemos coberto de titulos, riquezas, e distinções tiranisar os seus semelhantes!... Temos bastante phiplosphia para encarar o Mundo como elle é... (*ibid.*, I, 202)

Outro sinal do interesse de Antónia Pusich pela educação infantil traduz-se no entusiasmo (precipitado) com que se pronuncia sobre o manual de António Feliciano de Castilho, publicado em 1850: *Leitura Repentina: methodo experimentado e efficacissimo para em poucas lições e com muito recreio se aprenderem a ler impressos, manuscritos e numeração*. Embora se verifique depois que a proposta, para além de não ser original, era de eficácia duvidosa, a diretora de *A Assembléa Litteraria* vê nela a oportunidade para corrigir os erros da alfabetização tal como era habitualmente praticada:

O costume de ensinar as creanças, o ramerram do Alfabeto seguido como até ao presente se pratica, é atrasador (...). A maior parte das creanças sabe de cór, e cantando o alfabeto, mas se alguém lhes mostrar em qualquer livro soltas, ou unidas a outras, as mesmas letras que em ordem alphabetica decoráram, não as conhecem já! O modo porque geralmente os ensinam a soletrar é o mais repugante, e desharmonioso! Todos

estes defeitos emenda o novo methodo – Leitura Repentina. (A Assembléa, n.º 39, 18/10/1850: II, 59)

Um segundo ponto importante do ideário de Antónia Pusich tem que ver com a sua conceção de jornalismo e com o modo como entende a missão do escritor. Relativamente à imprensa, sustenta que:

A missão do escriptor público é a mais sagrada e gloriosa, mas tambem a mais arriscada, se elle a compreende em toda a sua extenção! Moralisar e illustrar os póvos, purificar a sociedade dos erros que a damnam, desterrar os abusos patenteando-os com provas authenticas: defender o fraco e o innocente contra as oppressões do forte e do perverso; exaltar a virtude, deprimir o vicio; e finalmente desligar-se de todas as terrenas considerações para conservar illeso o seu nome, livre e independente a sua penna; ensurdecer ás vozes do interesse, e até mesmo ás do coração... (A Assembléa, n.º 34, 29/06/1850: II, 17)

Quanto à literatura e ao seu papel na vida pública, António Pusich lamenta, por um lado, que as autoridades não promovam a cultura das letras, ao contrário do que diz acontecer noutros países:

Tem o poeta, o escriptor público a protecção das auctoridades, ou dos grandes? Não lhe é forçoso mendigar como por esmola de uma e outra pessoa em particular a sua assignatura para auxiliar a impressão de suas obras, que muitas vezes lhe deixa mais prejuizo do que interesse! não perecerá elle victima da indigencia se não possuir outros meios de subsistencia além do seu talento, (a maior das riquezas que Deus confere á humanidade) ou não se verá tantas vezes impellido por circunstancias violentas para sustentar a vida de sua mulher, seus filhos, sua mãe, e mesmo a sua; damnar as melhores inclinações de um genio superior entranhando-se na politica, que em Portugal não é por certo o campo onde a poesia engrandeça!... (A Assembléa, n.º 5, 01/09/1849: I, 34)

Por outro, restringe a partir de certa altura a questão ao que chama o “escritor moral”, reivindicando para ele a liberdade de imprensa, ao mesmo tempo que critica a postura do governo, numa atitude certamente motivada pelas dificuldades que a própria Pusich, partidária do absolutismo, experimentava:

Ha toda a liberdade para o escriptor politico, haja toda a protecção para o escriptor moral, e não queira o governo que vivam sómente meia duzia de escriptores que advoguem a sua causa, obrigando tantos genios grandes que abandona á miseria, a ir engrossar as fileiras inimigas do mesmo governo. (*ibid.*)

A nota política chega, aliás, a ser explícita, como acontece nesta passagem, tão próxima, *mutatis mutandis*, dos discursos do nosso tempo:

O systema liberal não melhorou, antes peiorou a sorte dos artistas em Portugal (...). Precisa dos artistas para as eleições, precisa dos artistas para os batalhões, precisa dos artistas para as contribuições; e para muitas outras cousas a que o systema liberal se tem ligado! – Podêmos assegurar que no tempo do absoltismo eram os artistas mais considerados (A Assembléa, n.º 7, 15/09/1849: I, 49)

Isso não impede, contudo, Antónia Gertrudes de reconhecer o génio de figuras como a de Almeida Garrett. Numa crítica teatral escreve:

Continua a ir á Scena com muita satisfação do publico, o excellente Drama – Fr. Luis de Sousa – do nosso immortal poeta o Ex.mo Garrett. – Tributar-lhe nosso respeitoso culto, e nossa admiração, eis o que fazemos, pois na verdade é esta uma das mais felizes producções d’aquelle genio sublime, a quem todos os poetas dramaticos da nossa terra devem render homenagem. (A Assembléa, n.º 30, 20/04/1850: I, 239-40)

Um terceiro aspeto do pensamento da diretora de *A Assembléa Litteraria* tem que ver com a posição da mulher na sociedade da época e com os seus direitos. Bem mais femininista (para retomar o termo de Natália Correia) que feminista, Pusich não vai tão longe quanto, duas décadas depois, Francisca Wood. Mesmo assim, não deixa de aproveitar as oportunidades que se lhe oferecem para se pronunciar sobre aspetos só aparentemente laterais da vida da mulher, como se pode verificar no romance “Dois Myterios”, um dos primeiros de escrita feminina, começado a publicar no n.º 3, de 18 de agosto de 1849, e concluído no n.º 21, de 5 de janeiro do ano seguinte. Do ponto de vista literário, a narrativa é pouco interessante, tanto pelo tema (os obstáculos artificiais ao amor de uma viúva por outro homem) como pela técnica narrativa e pelo estilo. Apesar disso, há observações interessantes, como esta, sobre o vestuário feminino:

(...) desapertei-lhe os vestidos que pouco justos estavam, pois Irminia era mui simples em seu vestuário, e não gostava de opprimir o corpo só para agradar aos olhos dos outros; porque, dizia ella, opprimir o espirito para agradar a Deus é uma virtude; mas opprimir o corpo só para agradar aos homens é uma loucura impellidoavel. (*A Assembléa*, n.º 12, 20/10/1849: I, 91)

Outro aspeto digno de nota diz respeito a uma espécie de versão, muito condensada, da *Carta de guia de casados* de D. Francisco Manuel de Melo, adaptada aos novos tempos e segundo uma perspectiva feminina. Confundindo-se com a narradora homodiegética, Antónia Pusich começa por distinguir, com grande frontalidade, amor e casamento: “o ter casado uma, ou vinte vêzes, se possível fosse, não prova que ame; entretanto não quero negar isso” (*A Assembléa*, n.º 13, 27/10/1849: I, 101). De seguida, discorrendo sobre o amor, fá-lo depender da dignidade: “Quero escravizar-me por quem mereça o meu amor, jamais por quem me despreze! (...) Nunca será homem de bem o que pertender humilhar a sua amante, ou a sua consorte. (...) inda assim adverte que elles muitas vezes para encobrirem as suas faltas usam da capa do ciume... recorrem a uma fantastica suspeita... elles que não dão licença a mulher alguma para ter ciumes... querem a todo o instante martyrisar-nos affectando indiscretos zellos... (...) a falta de inteira confiança na pessoa que se estima, é terrivel flagello!... mas elles querem uma lei para si, outra para vós...” (*ibidem*)

Posições mais contundentes são por vezes assumidas por colaboradoras do periódico, como Antónia Luísa Cabral de Teive Pontes, prima da proprietária. A propósito das más condições a que estavam sujeitos os órfãos da Santa Casa da Misericórdia, escreve ela:

Este sexo desditoso tem sempre a humilhante posição de dependente, ora de pais, ora de maridos, ora de irmãos; e é bastante este pezo a que quasi todas estamos curvadas para não podermos respirar o ar puro e recreativo da felicidade; é ele talvez que nos tem redicularisado, e até detriorado; condemnando a maior parte das damas a um constante espartilho que tem originado muitas tísicas, e a um quasi diario encarar d’espelho, que muito bem pôde ser que a isto se deva a falta de vista que tanto as tem agora torturado, porque me asseguram que o uso constante dos oculos arruina a vista, e o espelho que tambem é de vidro, de certo que lhes ha de ter sido muito prejudicial... (*A Assembléa*, n.º 24, 26/01/1850: I, 187)

Outra vertente do trabalho de Antónia Gertrudes a favor das mulheres traduz-se na celebração daquelas que se destacam e na denúncia da miséria que oprime algumas delas. Para exemplificar o primeiro ponto, refira-se o poema à “Intrepida aeronauta Madame Bertrande Senges” (*A Assembléa*, n.º 34, 29/06/1850: II, 21-2), uma viajante em balão francesa que fez uma demonstração em Lisboa a 8 de junho de 1850. Quanto ao segundo, veja-se a polémica em que se envolve depois de ter chamado a atenção para o estado de miséria em que se encontravam algumas freiras, na sequência da extinção das ordens religiosas: “Será justo... tolerar-se-ha que pereçam nas garras da indigência tantas criaturas dignas de toda a atenção, e que ahi nessa clausura onde vivem, não como em religiosa comunidade, mas em dura prisão... sejam sacrificadas ao bem estar de uma pequena porção de individuos, que não zelam como devem as sagradas obrigações a seu cargo!?” (*A Assembléa*, n.º 37, 21/09/1850: II, 41-2).

A própria notícia de acontecimentos mais ou menos extraordinários que, a partir de certa altura, surgem na última página do jornal é aproveitada pela redatora para um trabalho pedagógico, acerca, por exemplo, da assistência no parto:

Um caso desastroso ultimamente acontecido nos excita a compaixão, e a supplicarmos todo o cuidado, e vigilancia para prevenir as fataes consequencias que resultam do abuso em que estão algumas mulheres sem outros conhecimentos além daquelles que a prática lhes confere, de irem assistir como Parteiras até em occasião de partos difficeis! (*A Assembléa*, n.º 20, 29/12/1849: I, 160)

O último aspeto digno de nota diz respeito à matéria propriamente literária do jornal. Dominada pela versão menos inovadora do romantismo em voga, as peças não merecem hoje especial interesse, a começar pelas da própria Pusich, quase sempre poemas de cariz religioso (frequentemente a propósito de alguma festividade) ou celebrativo. Apesar disso, a diretora soube abrir espaço para outras e para outros, às vezes de modo – acertadamente – temerário: foi no seu jornal que publicaram algumas das suas primeiras composições autores que depois alcançariam grande nomeada, como foi o caso de António Mendes Leal, Júlio César Machado ou Francisco Gomes de Amorim. A este último se refere como “este genio filho legitimo das Musas; este poeta que se leva á Eternidade sem outro auxilio além da natureza que tanto o distinguiu! São estes os genios que mais desejamos elogiar, porque nós presamos mais os titulos que Deus confere, do que aquelles com que os homens pretendem enobrecer os homens!...” (*A*

*Assembléa*, n.º 19, 22/12/1849: I, 150).

Concluindo, resta sublinhar o interesse deste primeiro exemplo de jornalismo feminino em Portugal: pela defesa consequente dos direitos da mulher, pelo estímulo ao aparecimento de colaboradoras e pela própria conceção de jornalismo. Antónia Gertrudes Pusich não merece, pois, pelo menos por estas folhas de *A Assembléa Litteraria*, o lugar marginal que a história literária-cultural lhe tem reservado.

## NOTAS

\*Francisco Topa (n. Porto, 1966) é Professor Associado do Departamento de Estudos Românicos da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e membro integrado do CITCEM. Leciona nas áreas de Literatura e Cultura Brasileiras, Crítica Textual, Literaturas Africanas e Literaturas Oraís e Marginais. É, desde 2019, o responsável pela Cátedra Agostinho Neto na FLUP. Dentre os cerca de 200 trabalhos que publicou é possível destacar os seguintes volumes, todos de 2023: *Mal-amados ou sequestrados? Autores e textos brasileiros de seis e setecentos*; “*Nesta turbulenta terra*”: estudos de literatura angolana; *África nossa, Áfricas deles: leituras de Marrocos, Cabo Verde e Moçambique*; “*Coisas que não levam a nada*”: leituras portuguesas de literatura brasileira.

<sup>1</sup> <<https://purl.pt/772>>.

## Bibliografia

*A Assembléa Litteraria, Jornal d'instrucção* (1849-1851). Lisboa.

Biguelini, Elen (2017), *Tenho escrevinhado muito: mulheres que escreveram em Portugal (1800-1850)*, tese de doutoramento em Altos Estudos em História, ramo Economias e Sociedades, Coimbra, FLUC.

Caldas, Maria de Lurdes (2022), *Antónia Pusich: uma mulher invulgar*, prefácio de Nikica Talan, Coimbra, Minotauro.

Celho, Sónia e Fontes, Susana (2021), “Vozes femininas a favor da instrução das mulheres nos jornais oitocentistas: ‘A Assembléa Litteraria’ e ‘A Voz Feminina’”, *Revista de História da Sociedade e da Cultura*, 21, pp. 241-262.

- Lopes, Ana Maria Costa (2003), “Atitude e documento invulgar: a intervenção de uma prestigiada oitocentista, Antónia Pusich, na Câmara dos Deputados”, *Povos E Culturas*, 8, pp. 207-340. <https://doi.org/10.34632/povoseculturas.2003.8861>
- Pedro, Carlota Maria Conceição Aires (2006), *Educação feminina no século XIX em Portugal: em busca de uma consciência*, dissertação de mestrado em Ciências da Educação, Lisboa, FPCE da U. Lisboa.
- Šare, Ema (2018), *Antónia Pusich: uma escritora luso-croata / Antónia Pusich: hrvatsko-portugalska spisateljica*, Zagreb, Filozofski fakultet Sveučilišta u Zagrebu; Odsjek za romanistiku, Katedra za portugalski jezik i književnost.